



ryan adams
LOVE IS HELL

recontado por
MANOEL MAGALHÃES

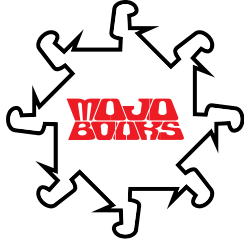


27

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

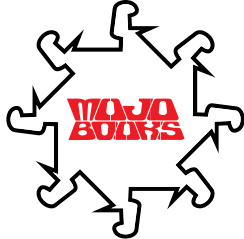
Danilo Corci
organizador



VOLUME 27

LOVE IS HELL
ryan adam

recontado por
MANOEL MAGALHÃES



VOLUME 27

LOVE IS HELL
ryan adams

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

Junho de 2007

1. SEXTA-FEIRA

A partida

Chegamos ao quarto e só consigo pensar que o cheiro que toma conta de todo o lugar faz muito sentido nessa noite. Ela me olha e sorri jogando o cabelo pra trás, pergunta se já estive aqui antes e, depois do meu “não”, diz que é uma delícia. Senta-se no canto da cama e começa a apertar um baseado. Pede um beijo... Faço sua vontade e sinto o calor do corpo dela acariciar, devagar, meu ombro. Ela fala arrastado ao lambar delicadamente a seda e me perco observando os detalhes da tinta descascada nas paredes cinzentas do quarto. Nada aqui lembra um motel. Percebo que bebi demais quando começo a achar engraçado que os lençóis estejam completamente desarrumados. No canto, sobre um pequeno criado-mudo, apenas uma toalha branca dentro de um saco plástico. O barulho da rua entra pela janela e se confunde com o ruído dos outros quartos. Ana, com o olhar perdido, começa a fumar e conta que sempre me observa passando por aqui, e que tenta imaginar o que faço, onde moro, todo



esse tipo de coisa. Hoje, então, resolvi dizer qualquer besteira e cá estamos, olhando nos olhos um do outro sem perceber o quê de tolice existe nisso tudo.

* * *

— Eu quis muito te trazer pra cá — ela diz e me beija no rosto.— Ah, já eu nunca imaginaria acabar esta noite assim, fumando maconha antes de transar com você neste quarto imundo e barulhento.

Ela ri alto e, como por instinto, apaga o baseado e começa a me beijar com vontade. O calor dessa madrugada de verão se mistura ao cheiro forte do quarto e ao prazer que sinto quando começo a beijar o colo de Ana. Cada vez mais, aumentamos o ritmo de tocar nas peles. Ela caminha as unhas enrolando meus cabelos com calma enquanto eu beijo seus seios. O som que emitimos entra em síncope e torna-se disperso parece uma marcha que conduz meus lábios pelo corpo dela, todo avermelhado pela luz difusa que escorre pelas frestas da janela antiga e corta a escuridão do quarto. Aos poucos, me livro da roupa dela e vejo,




à mostra, um corpo de curvas delicadas. Ela toca meus braços e corre a ponta dos dedos por cada detalhe, num ritual lento que aumenta ainda mais o meu prazer em despi-la.

Ana abre um largo sorriso e repousa as costas na cama. Beijo sua barriga e deslizo minha barba rala pelo suor fresco de sua pele. Encontro seu sexo e meu coração acelera, marcando o tempo do movimento de meus lábios — ela diz, baixinho, que gosta assim. Meu prazer cresce com o sabor da vagina e com a visão de estar entre suas pernas. Meus olhos escorrem por seus pêlos e sinto o caminhar do prazer no ritmo que ela dita, com as mãos, em minha nuca. Ela sussurra, ainda calma, cada detalhe, cada gesto que nos acelera o peito como se escondesse — qual criança que brinca — uma futura disparada fulminante e incontrolável. Não sei se é o álcool, não sei se é a madrugada ou o cheiro pesado do quarto, mas tudo agora, abriga um sabor maravilhoso.



2. SÁBADO

Chuva da cidade, ruas da cidade



— Sabe do que eu mais gosto nessa época do ano? Quando essa chuva fina começa a cair no início da manhã e as pessoas apertam o passo involuntariamente, mas mesmo assim ainda é o final do ano e o Natal que importam mais, o Ano-Novo importa muito mais do que a chuva. Você consegue perceber isso? A velocidade dos carros, as luzes acendendo aos poucos, a cidade inteira vive diferente, você não acha? — pergunta Ana.

— Nunca parei pra pensar nisso — respondo.

— Eu sempre fico observando. Parece um movimento sinfônico — diz Ana com o olhar completamente perdido entre a marcha das pessoas.

— Aonde vamos tomar café? — pergunto pra mudar de assunto enquanto sinto o frio de algumas gotas de chuva que molham meu rosto, lembrando, tropegamente, da loucura que faço ao estar aqui ainda.

— Aquela padaria ali do outro lado da rua é muito boa.

Vamos atravessar?

Ela me leva pela mão, como fez a noite toda...

Foda-se o Universo

Ana fatia o pão de um jeito engraçado e não pára de falar enquanto observo, calado, as pessoas que entram pra tomar café — todos completamente absortos no ciclo natural de suas vidas e eu aqui perdido, sem a mínima vontade de voltar pra casa. Talvez o que eu precise seja não pensar muito e deixar o que aconteceu me levar por aí com ela. Ela me olha agora com carinho e pergunta se não vou comer. Digo que sim e retribuo o sorriso.

— Então, você é casado? — Ana pergunta assim, secamente, trazendo à tona justamente o assunto pesado quando eu já começava a não pensar nele.

— Mais ou menos — respondo sem saber exatamente o jeito de explicar.

— Como alguém é mais ou menos casado? — ela pergunta, irônica, enquanto bebe seu café e me olha nos olhos.

— Nós moramos juntos, mas não somos exatamente casados, entende?

— Entendo — a menina responde baixinho e emenda uma



seqüência de perguntas. — Não vai voltar pra casa? Ou não quer voltar pra casa?

Digo que não sei, que não tenho vontade, que é difícil de explicar, que perderia a manhã tentando esclarecer e não conseguiria, pelo menos não agora. “Podemos falar disso tudo outra hora?” Ela sorri, pára pra pensar dois segundos antes do abraço apertado que precede à pergunta seguinte:

— Quer passar o dia comigo?

— Quero, quero sim — respondo com a certeza que às vezes me vem quase sem pensar.

Pagamos o café antes de sair pela Cândido Mendes sentindo o sol do verão que acaba de acordar depois da breve chuva rala da manhã. Ele beija-nos o rosto como uma carícia de benção.

— Vamos ao Jardim Botânico? — Ana pergunta e penso que seria bom caminhar por lá e não pensar em nada. Só andar.

— Vamos — dizemos os dois, quase ao mesmo tempo.

Ela me dá a mão, coloca os óculos escuros e sinto uma coragem estranha me possuindo. O sentido talvez venha com os passos.



Terra das sombras

Estamos no ônibus e as pessoas parecem cansadas. Ela mexe lentamente no meu cabelo enquanto conta coisas de sua vida. Diz que já fez de tudo um pouco. Trabalhou em loja, bar, restaurante, vendeu jornal, dançou na noite. Aliás, ainda dança, mas agora quer mesmo é escrever um livro. Pergunto sobre o quê e ela diz que é sobre a vida dela, os lugares que passou, o muito que bebeu, quase todas as coisas que fez, e que, segundo diz, não foram pouco interessantes. Começa a contar sobre os homens que passam por ela freqüentemente. Ricos, tristes, estranhos.

— Você me acha estranho?

— Não, você não. Você parece saber bem o que faz, pelo menos é isso o que eu consigo ver.

— Será? Se soubesse mesmo, talvez não estivesse aqui agora, você não acha?

— Pois é, mas todo mundo erra no que acha. Eu, principalmente.

Sinto o coração apertado e deixo Ana continuar a contar o que quiser. Fala que sempre quis muito ter um filho, uma família, essas coisas.

— E você, não tem vontade?



Digo que também tenho, mas não sei até que ponto isso depende mesmo só da vontade. Ela concorda e me lembra que já é hora de descer do ônibus.

— Que assim seja — digo e ela sorri, achando graça ao me ouvir.

Caminhamos até a entrada do Jardim Botânico, o sol é agradável. Por um instante penso no quanto Ana fica bonita de óculos escuros, parece muita sorte encontrar alguém especial assim pra mudar minha rotina, a órbita da minha vida logo no momento em que realmente estava precisando de alguma coisa que me transformasse. Pergunto se ela gosta mesmo de morar naquele hotel, se não prefere um apartamento só seu, ou uma casa, enfim, qualquer outra coisa. Ela diz que por enquanto não, que lá sempre vê gente a qualquer hora e fica imaginando a vida das outras pessoas. Os casais que passam pelos quartos, os solitários que lá habitam, alguns já são até seus amigos.

— Por quê? Você não gostou? — Ana pergunta curiosa.

Digo que gostei de passar a noite com ela, mas provavelmente não moraria em um lugar assim, ficaria louco com o movimento, com a falta de raiz.

— Raiz, tá aí uma coisa que eu nunca tive — ela diz e



sorri tocando com o dedo minha tatuagem no braço. — É um coração, né?

— É sim. O Sagrado Coração de Jesus.

— Eu não acredito em Jesus, Deus, nada disso.

— Acho que tenho algumas razões pra duvidar também, mas enfim, deixa isso pra lá.

Caminhamos pelo vão central até o fim do jardim onde existe um portal antigo de concreto. Ana diz que esse portal era da antiga escola de arquitetura do Rio e que resolveram trazer pra cá quando fizeram uma reforma geral na escola.

— Como você sabe disso? — pergunto.

— Meu pai era arquiteto, sempre me trazia aqui e repetia essa mesma história. Acho que conheço bem cada pedaço desse lugar. Ele dizia que, às vezes, encontrava o Tom Jobim passeando, que o maestro adorava ficar só olhando as árvores.

— E o que aconteceu com o seu pai?

— Não sei bem, não falo com ele há cinco anos já.

— Por quê?

— Ah, melhor não falar sobre isso agora. Vem cá que quero te mostrar uma coisa — Ana diz, já andando em direção a uma pequena ponte no fundo do Jardim.

Sentamos no banco em frente à fonte de água que corta a



lateral do Jardim e ela conta que, ali, sempre fazia um pedido quando era criança.

— E algum deu certo? — pergunto.

Ela ri e diz — Todos.

— Sério? Acho que eu vou pedir alguma coisa então.

Nessa hora ela segura meu rosto, cruza meus olhos atraindo quase que naturalmente meu corpo pra mais perto e me beija. Ficamos assim, beijando ao som da água que corre pela terra úmida do jardim. Ana pede pra não dizer nada, só abraçá-la pelo tempo de que ela precisa.

Avalanche

Ela vai ao banheiro enquanto acendo o último cigarro do maço sentado na mesa do bar que achamos no caminho. Penso nos meus passos até aqui e ficar sozinho por esses minutos só me faz ter medo — e culpa —, e questionar até onde cheguei, se a minha escolha por deixar o dia correr assim não foi só egoísmo, ou loucura, ou tédio, ou um jeito estúpido de castigar quem me ama. Deveria voltar pra casa, conversar, tentar mais uma vez resolver os problemas que lá ficaram. Fugir por um dia ou dois não apaga o que realmente é minha vida e a realidade vai chegar

quando eu menos esperar. Mas me apaixonei pelo jeito da Ana em me olhar, pela forma na qual me carrega pra dentro desse sonho e não me pede coisa alguma em troca. O que será que ela pensa realmente? Será que não se importa em só deixar que o tempo nos leve assim, sem rumo possível? Acho que alguma coisa muito forte me trouxe até aqui e talvez tenha forçado esse encontro. Perdi a direção da minha vida e não sei o que me leva agora a não pesar as conseqüências das escolhas de ontem pra hoje. É como se a voz de Ana me conduzisse a um espaço, aqui no coração, que ainda era desconhecido, desabitado, ou que estava soterrado pela rotina de viver com segurança, controlando os passos em alguma coisa que só tinha acreditado por medo de viver um momento desses, sem chão, sem amanhã, só vontade pura de sentir o peito acelerar. Vontade que aumenta e vicia como qualquer outro tipo de droga ou cegueira, que permite o benefício real dos outros sentidos. Um cego que só quer sentir pra viver, como sangue jorrando na carne.

Enquanto bebo sozinho e espero Ana voltar, vejo todas as sombras que ficaram pra trás, as brigas, as razões pra duvidar da idéia de que uma vida se constrói aceitando o que é contrário a sua vontade, de que amar é resignação quando deveria ser a única possibilidade de viver em outra realidade. Vejo todas



as cores de casa diluídas pelas luzes da nossa rua e não me imagino voltando pra lá. Não consigo pensar no que diria, como esqueceria o que me trouxe até aqui. Tanto desespero, tanta dúvida, tanto ódio entre pessoas que dizem se amar mais do que qualquer outra coisa.

Ana volta e começamos a beber muito. Ela conta suas estranhas histórias e pergunta coisas como qual é a cor da parede do meu banheiro ou o filme que eu mais gosto. Não parece se interessar pelos fatos, só pelas possibilidades que cada nova dose de vodka parece potencializar. Segura meu rosto e corre os dedos pela minha barba dizendo que quer fazer amor comigo em qualquer lugar, quer beber mais, quer pó, depois me beija fazendo cara de interrogação. Acho que finalmente volto a me sentir vivo, quero Ana agora ou só pelo tempo que a vida permitir. Essa noite ou a vida toda. Digo isso a ela, que sorri, enfim parecendo satisfeita, completa.

— Vamos — ela diz e paga a conta. — Deixa eu te levar por aí.

Passamos pela porta de outro hotel barato e imundo, ela quer entrar, acho que é algum tipo de tara com lugares assim. Bêbado como estou, nem penso em resistir. Ana paga à senhora da portaria sem dizer muita coisa e me arrasta escadaria acima entre mordidas e arranhões. Enquanto tento abrir a porta, já sem




nenhuma coordenação, ela me atrapalha sussurrando no ouvido o que devo fazer — quer que eu seja rápido porque ainda temos uma longa noite pra correr. Tira minha roupa com pressa e me beija o peito enquanto abaixa sua calça. Jogo Ana de costas no lençol encardido e beijo seu ombro pra sentir novamente o gosto da pele. Mordo e ela parece ainda mais bonita. Começo a comê-la de costas e sinto seu suor escorrer colado a meu corpo. Ana grita e, mesmo com todo o álcool, consigo sentir cada pedaço de seu corpo ditando nosso ritmo. Sou conduzido por ela no movimento e não preciso pensar, só sentir prazer junto com a mulher mais bonita, que me olha enviesado enquanto diz baixinho “mais rápido”, ou “calma, calma”. Gozo e deixo o peso do corpo cair sobre suas costas, a respiração vai encontrando um caminho disperso e sentimos o silêncio do quarto por alguns segundos. Ela me abraça e pede pra dormir quinze minutos, meu corpo parece pesado e também sinto vontade de fechar os olhos, realmente precisamos descansar. Ana adormece, nua, olhando pro teto.

Eu vejo Monstros ou O inferno

Atravessamos um corredor escuro onde apenas a refração de uma luz laranja parece nos conduzir e é esquisito tocar o chão





úmido sem saber exatamente qual destino podemos encontrar pelo caminho. Ela está linda e tenho medo que esse seja o momento exato em que perdemos totalmente o controle. Com o tempo, o som solitário de nossos passos começa a se confundir com algumas vozes amplificadas pelo eco do enorme vão que atravessamos. Ana permanece calada e apesar da escuridão, consigo sentir toda a confiança que ela tem enquanto caminhamos de mãos dadas pra mais perto do som que vem do final do corredor. As vozes ficam cada vez mais próximas até que encontramos as primeiras pessoas. Todos parecem estranhos, mas isso não importa muito. Ana me leva até o bar e brindamos ao começo de uma noite que é só nossa, ela me abraça antes de ir até a pista dançar.

Tentando observar o lugar, enxergo apenas luzes coloridas enquanto escuto a música levá-la pra longe. Nesse momento, a bebida me toma e não sou mais eu quem controla meus sentidos. Outras mulheres lindas dançam ao lado de Ana em vestidos negros e com tatuagens avermelhadas com dizeres em inglês, símbolos de Oxum e deusas que dominam a beleza ou o prazer da carne. A exortação é pra me levar por entre elas oferecendo, em ritual, meus olhos cansados. Ana as conduz pelo círculo que me embriaga de excitação por peles de garotas das

quais não conheço o nome e não enxergo os rostos. Todas me beijam e o som do tambor que marca o ritmo das ordens de Ana não me deixa pensar: desatina, descontrola minhas mãos por todos os seios, cabelos, coxas e bocas que me tocam suaves entre os pêlos. E minha menina sorri do alto de seu trono e não eleva a voz colada ao meu ouvido quando diz suas palavras em outra língua estranha. Sinto mãos por todo meu corpo e lábios que parecem todos como os dela, os beijos são como os dela e as peles com a mesma cor e o mesmo cheiro. Não entendo, nem tento entender o que acontece e ela diz que é assim mesmo, pra viver e calar a boca, que agora já compreendo a língua que a controla e posso, eu mesmo, dizer o que quero e com o que sonho, o que me faz louco e senhor de todos esses corpos. Que já posso enxergar a feição e escolher qual prazer me consumirá primeiro. Mas é Ana que senta em meu colo e grita para que as sacerdotisas me lavem o rosto com seus lenços úmidos, me beijem o corpo e me olhem nos olhos enquanto ela dança sentada sobre meu pau quente e morde meus lábios já em carne viva de outras tantas bocas. O sangue que escorre lento a alimenta e torna mais forte seu grito. As outras garotas, agora nuas, me oferecem os olhos e o coração em chagas nas mãos, dizendo em sua língua que controlo o inferno que as conduz até o calor de minha boca, boca que Ana



divide lentamente com cada uma em ritual de beijos e mordidas cãndidas.

Quem sou eu e quem é Ana já não importa na levada desse tambor alegórico que é veloz e seco, escondido entre todo suor, toda carne e sangue de nossos corpos. Escuto vozes que repetem as mesmas frases com entonações diferentes, um ciclo de interminável nas palavras de luxúria e amor, amor de uma hora, amor de um dia, de duas noites — o amor de “para sempre” ficou perdido em outro lugar e as vozes ignoram, veementes, essa possibilidade. “Agora! Agora! Agora!” elas repetem aos gritos e nem se eu quisesse teria voz suficiente nos pulmões pra me defender de tanto barulho, de tanta certeza e de tanta vontade. O suor escorre do meu rosto em rios que deságuam em outros corpos e todas elas mostram os dentes com seus sorrisos abrigados no prazer que sentem ao me possuir. Como um demônio possuindo uma criança, que também sorri e se debate sem dizer palavra alguma, nem profere ruído; apenas sente o corpo arder na fogueira que Ana alimenta com os olhos em fúria viva, enquanto o lugar parece um moto-contínuo movido ao som de um turbilhão de vozes femininas.

O cheiro é de sangue e de carne quente. Todas ofegam e se perdem nos toques entre o meu corpo e o de Ana, que cavalga



qual rainha sobre minhas pernas e carrega a razão pra lugares que não conheço. E me liberto em dezenas de beijos que percorrem seu colo enquanto todas as outras me arranham a pele com as unhas encharcadas do sangue escuro que escorre das feridas, fazendo brotar prazer ao invés de me cortar. Assim, todas podem, sorrindo delicadamente, acariciar-me os cabelos pra desenhar no rosto de Ana a figura final dessa alegoria. Minha garota pinta agora com calma o novo sorriso e cai, sublime, sobre meu peito. Beija cansada meus pêlos até o último abraço, lento e cheio de ternura, enquanto o som cessa, fúnebre. A luz laranja se apaga frente aos nossos olhos. As vozes resolvem se calar e os corpos desaparecem no escuro. Só sinto o coração desacelerando no peito ainda como a última chama desse monstro em que Ana me transformou. O silêncio agora parece eterno. E é.



3. DOMINGO

Até onde o quarto-corção pode girar

Acordo com o sol queimando meu rosto. Lá fora o que era barulho agora parece coberto pelo silêncio da manhã. Beijo os seios dela, que ainda dorme me abraçando, parecendo guardar o mesmo sabor de ontem à noite nos lábios. Que horas são? Procuro, com cuidado, as calças no canto da cama e escorrego do cobertor sem fazer muito barulho. Encontro o maço de cigarros quase vazio e os poucos que restaram estão encharcados de alguma bebida amarelada. Resolvo fumar, assim mesmo, um deles na janela enquanto fotografo com os olhos cada traço do corpo de Ana. É estranho construir um agora que parece impossível de ser vivido até o fim. Ela respira leve, dorme o sono profundo de quem descansa depois de uma longa viagem física. E não consigo imaginar o que diria ao acordá-la, se só a beijaria deixando que a vida continuasse apenas no ritmo que ela dita. Mas meu coração parece cansado de tantos guias, dessa dependência de alguém que lhe dê sentido. Ana ou Cecília poderiam compreender porque

ele acelera descontrolado a cada nova queda? Mesmo meu coração já não sabe a razão de me arder o peito nessas situações de chegada ou despedida; e foram tantas até aqui. Às vezes caminho a esmo, acreditando que posso fazer meu peito funcionar com a precisão de um relógio suíço, mas não posso. É inevitável. Como é péssimo sentir o gosto do que não se pode remediar ou desfazer, o gosto amargo do que não se pode transformar.

Ana continua lá, em silêncio, paralisada no repouso do corpo sobre a cama desse quarto de hotel que, de algum modo, também me abraça como filho. O filho que quando terminar esse cigarro vai partir e talvez não diga nenhuma palavra de despedida, deixando mais uma coisa sem ponto final. Não existem palavras que possam ser ditas nessas situações, nada explica, nada alivia nem facilita. O cigarro vai queimando rápido e queria que depois desse viessem outros milhares capazes de impedir que a minha culpa crescesse virulenta, como uma epidemia, e enfim, meu corpo voltasse para debaixo daqueles lençóis. Então a consciência não me negaria a chance de dormir o mesmo sono justo que Ana dorme, linda, sem questionar, infelizmente, o que questiono e me impede de só deitar a cabeça no travesseiro e esquecer a vida.

A vida não se esquece, acho que aprendi isso nesses dias. O cigarro apagou, as cinzas carregaram meu peito pra longe daqui.



Beijo o rosto de Ana já parecendo me receber com o mesmo sabor de “adeus” na pele, ou “até amanhã”, como certamente iria preferir. Escrevo um bilhete e choro porque queria, realmente, ser um alguém mais forte. Alguém como Ana.

Amor, trabalho, tempo

A rua é longa e meus pés não dão mais conta de caminhar até a calçada da nossa casa. Vou sentindo o sol na pele enquanto as crianças passam por mim querendo brincar na praça. A vontade que me vem agora é de tomar um banho e, como mágica, voltar a ter a idade delas, ou voltar a qualquer idade em que não fosse tão difícil aprender coisas complicadas. Não sei o que direi agora, não sei como abrir a porta, como voltar a sorrir no almoço, como rebater qualquer grito, qualquer ódio, qualquer lágrima do outro lado. Não sei como se faz mais tanta coisa. Desaprendi até a interpretar o meu papel nas situações. Não sou o mesmo e talvez me falem palavras na hora de dizer o que sinto.

O caminho de volta foi tão cansativo, a estrada era estreita e cheia de lembranças bonitas que só machucaram mais minha pele cansada de se arrepender por coisas que fazemos sem pensar. Volto não sendo a mesma pessoa que partiu. Partir sempre tem

um preço e isso eu posso dizer, de peito aberto, que aprendi com a jornada. Pagamos muito caro por qualquer transformação, até mesmo as borboletas pagam com a carne por sua metamorfose. Continuo a marcha com os passos lentos e meus olhos abraçam novamente o céu e os paralelepípedos dessa rua que gostava tanto de mim. Felizmente ainda sei por onde pisar e levantar a terra que é minha no amor que também sinto por ela. O medo do futuro imediato foi o que me fez ser o covarde dessa história. Aceito essa minha condição e abro o peito pra voltar pra quem me ama com a alma. Agora o nosso bairro parece tão feliz que já nem sei se me aceita de volta.

O Retorno

Cecília diz, furiosa, todas as verdades que não consigo combater. Sentado no chão, com as mãos sobre as pernas, observo mais o movimento de seu corpo do que escuto o longo sermão que ela grita, inundando o quarto com o ódio de quem perdeu a esperança.

— O que faremos agora então? — pergunto já sem forças para contra-argumentar.

Ela senta no canto da cama e parece se restabelecer com o





silêncio pra começar, logo em seguida, o que lembra muito mais uma penitência do que qualquer tentativa real de conciliação. Quer me ferir, castigar com a mesma raiva que sente no peito. “Eu te odeio, odeio como nunca.” Ela retoma o ataque, recomeçando a encarnação já quase teatral de seu desespero. Ela urra, não me permitindo qualquer reação. O ruído é dissipado pelas paredes do quarto, mas parece ecoar por todo o prédio. Não adianta pedir pra falar mais baixo, isso só aumenta a ira que Cecília sente ao me rasgar com os olhos. Repete a palavra “inferno” sem parar, tentando, talvez, desfazer-se de toda a mágoa que corta seu peito.

— Que merda. Você acredita mesmo que não me arrependo?
— pergunto com as mãos buscando o toque de seu rosto, gesto que já nos confortou muitas vezes, mas que agora parece só repetição desesperada.

— Arrepende? Você sabe o que significa se arrepender?
— ela, pela primeira vez, parece perder o vigor em sua cólera e desaba lentamente essas palavras antes de silenciar.

Resolvo levá-la ao chão e sinto que precisamos de um tempo antes do começo da nova tempestade. Agora é dolorido olhar nos olhos que guardam apenas fúria e já não reconhecem, em mim, a segurança de um encontro. Cecília chora encostada na ponta do meu ombro, todo o ressentimento de uma vida perdida, de um

tempo que talvez tenha se constituído apenas da ignorante ilusão de igualdade entre pessoas intrinsecamente opostas.

— Porque sempre foi na existência de nós dois, Caio, que eu encontrava o silêncio desse abraço com carinho e respeito. E você, do alto de uma certeza fútil e doentia, quis provar que nunca pode ser simples, como é hoje, viver amando a mulher que te beija o rosto e sente prazer só de olhar tuas roupas estendidas no varal de casa.

Cecília termina o acesso de fúria com esse gosto amargo da ameaça entre os dentes, sinto o coração desacelerar lentamente enquanto ela respira ainda ofegando. Todo o descompasso do mundo, agora nos abriga.

FIM



SOBRE A BANDA

David Ryan Adams talvez seja um dos músicos alternativos mais venerados no universo *indie*. Este norte-americano nasceu em Jacksonville, na Carolina do Norte, mostrou talento precoce e aos dezesseis anos fundou sua primeira banda, a Whiskeytown. Com talento literário, deixou o grupo e seguiu carreira-solo, onde deu vazão às influências de Jack Kerouac, Edgar Allan Poe, Sylvia Plath e Henry Miller. *Love is Hell*, seu quinto disco, foi lançado primeiro em dois EPs, *Love is Hell pt 1* e *Love is Hell pt 2*, já que a gravadora Lost Highway achava que o álbum era pouco comercial. Quando os EPs se provaram um sucesso de vendas, logo a empresa decidiu compilá-los em um único álbum, o maior sucesso de carreira de Ryan Adams e uma revolução no gênero *alt.country*. *Love is Hell* conta com a participação de Marianne Faithfull nos *backing vocals* e um cover de "Wonderwall", do Oasis.

CRÉDITOS ORIGINAIS

LOVE IS HELL - RYAN ADAMS

Fotografia de Erik Dreyer e Andy West

Design de Andy West

Lançado em 4 de maio de 2002

Selo: Lost Highway


Produzido por Ryan Adams e John Porter

Para mais informações sobre Ryan Adams, visite:

www.ryan-adams.com



SOBRE O AUTOR

A red graphic element on the left side of the page, consisting of a stylized shape with several protruding points, resembling a gear or a star. The number '30' is printed in white on a red background within this shape.

Manoel Magalhães é compositor antes de tudo e atua no *underground* carioca tocando em bandas como Polar, Columbia, Onno e agora Harmada. Já trabalhou no programa Observatório da Imprensa (TVE-RJ) e passou pela sagrada mesa de entrevistas no retorno do Pasquim de Ziraldo. Atualmente escreve seu primeiro livro de contos intitulado *Gávea Hardcore* e dedica-se ao sonho de ser mestre em Psicologia Social. Conta suas histórias sujas no *blog* Hotel Chelsea Nights desde novembro de 2005.

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.



26 LOVE IS HELL

RYAN ADAMS

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. POLITICAL SCIENTIST
2. AFRAID NOT SCARED
3. THIS HOUSE IS NOT FOR SALE
4. ANYBODY WANNA TAKE ME HOME
5. LOVE IS HELL
6. WONDERWALL
7. THE SHADOWLANDS
8. WORLD WAR 24
9. AVALANCHE
10. MY BLUE MANHATTAN
11. PLEASE DO NOT LET ME GO
12. CITY RAIN, CITY STREETS
13. I SEE MONSTERS
14. ENGLISH GIRLS APPROXIMATELY
15. THANK YOU LOUISE
16. HOTEL CHELSEA NIGHTS

